

Bênção dos finalistas IPB

Catedral

27 de Abril de 2013

«Dou-vos um novo mandamento: que vos ameis uns aos outros; que vos ameis uns aos outros assim como Eu vos amei. Por isto é que todos conhecerão que sois meus discípulos: se vos amardes uns aos outros».

Esta palavra de Jesus, no evangelho que a Liturgia propõe hoje, é sempre nova e nunca alcançada. Que sentido tem na celebração da bênção dos finalistas do IPB?

Amar como Jesus é a novidade da cultura cristã. Ser discípulo da Vida é ser capaz de amar, de ser frágil com quem se ama e forte no combate ao mal que não nos deixa ver o outro como irmão. O sentido desta celebração litúrgica de bênção abre-nos à gratidão, à criatividade e à esperança.

1. Bênção

As bênções são como um sinal sagrado instituído e desejado pela Igreja, que contém em si mesmo os efeitos espirituais do amor, da alegria e da confiança da fé. Tudo gravita à volta da Eucaristia, bênção por excelência, sinal do amor e sacramento da caridade. O cristianismo passivo e tradicional não toma nenhuma decisão sobre a fé. Só um cristianismo enraizado na escolha é que faz de nós pessoas novas na fé e na gratidão a Deus e aos outros.

D. Bonhoeffer, um grande pensador cristão, em 1944, poucos dias antes de morrer, escreveu: «Eu gostaria de aprender a acreditar».

2. Gratidão

É ainda um privilégio o acesso de alguns ao ensino superior. Cerca de 40% dos jovens em Portugal frequentam o ensino superior. É verdade que o acesso ao trabalho nunca está garantido mas é mais provável entre alguém com formação superior do que entre os que a não têm.

A ingratidão é o que mais custa aos pais. Uma vez perguntei a um grupo de pais, o que mais lhes custava nos filhos? A resposta foi unânime: a ingratidão.

3. Criatividade

Não só na busca de emprego mas até na criatividade da sua criação... não só no desempenho profissional mas na exigência de formação contínua... e não só porventura na própria área mas na abertura a outras áreas...

É necessário a disponibilidade para o trabalho como serviço. Esta é a atitude que mais facilmente abre portas.

A criatividade e o empreendedorismo têm necessariamente de nos acompanhar nestes tempos difíceis. Temos de ser semeadores corajosos como menciona M. Torga: «Mas todo o semeador semeia contra o presente. Semeia como vidente a seara do futuro, sem saber se o chão é duro e lhe recebe a semente».

4. Esperança

A esperança alimenta-se também olhando para além do imediato. É pessoa de esperança quem sabe ver para além das dificuldades do presente. Precisamos de alguém que nos ajuda a suportar até alguma renúncia ou sacrifício mas que tem horizonte (a deslocação para outra região ou mesmo outro país... numa primeira fase...). Precisamos de novos profissionais, de novos empreendedores. Hoje como ontem, o empreendedor verdadeiro é alguém que arrisca os próprios talentos e recursos para criar bens e trabalho.

Um autor italiano, Luigino Bruni, escreveu: «A crise ou é a aurora de um novo dia ou é o pôr-do-sol: urge estar atentos porque as cores do céu são semelhantes e podemos confundi-las».

Às vezes parece que a comunidade civil e económica esteja a esgotar a sua capacidade geradora e já não seja mais capaz de criar *valor* económico, civil, político, cultural, científico, porque perdeu os seus valores, já não sabe aquilo que vale e o que é.

Devemos encontrar os recursos para recolher os escombros e transformá-los em novos tijolos. E devemos cavar muito mais, porque as melhores pedras nunca estão á superfície: estão ainda enterradas e muitas vezes ignoradas porque foram

consideradas pedras de tropeço e rejeitadas. Urge salvá-las, transformando-as em pedras angulares da nova casa, da nova economia, do novo trabalho.

Esta crise que se vive tem mesmo os sintomas de uma 'grande depressão', de uma doença social. A tristeza constante, a falta de entusiasmo, o desejo que se apaga, a vontade de deixar correr e, sobretudo, a ausência de alegria de viver.

É vital aquela vontade de se levantar de manhã com o gosto de enfrentar o dia, de encontrar as pessoas, de ter algo belo para fazer e contar a si próprio, à própria família, aos outros.

Para isso estamos aqui. Sejamos semeadores e construtores de uma sociedade onde o primado da pessoa humana e o bem comum sejam decisivos para a justiça e para a paz. Do círculo vicioso temos de passar ao círculo virtuoso.

Cristo ressuscitado representado no mural desta Catedral abraça-nos e Maria acolhe-nos no colo como fez ao seu filho descido da cruz.

Deus ama-nos. Sintamo-nos amados por Ele e vivamos o amor novo!

+ José, Bispo de Bragança-Miranda